

REPORTAGEM ESPECIAL

Nova geração de família agrícola aposta no ramo de hospedagem

Pitayas Eco Camping e Cabanas está às margens do Rio dos Mengue

Loraine Luz*, de Cidreira
Especial para o JC

O turismo não substitui a agricultura. Nasce dela. Na propriedade rural da família Carlos, a aposta no turismo foi financiada pela longa trajetória na agricultura familiar, especialmente com produtos orgânicos. É na área de 20 hectares que se localiza o Pitayas Eco Camping e Cabanas. A ideia inicial era gerar uma renda complementar e, ao mesmo tempo, encontrar uma atividade menos desgastante fisicamente do que o trabalho na lavoura. Elen da Rosa Carlos resume essa trajetória dizendo que a vida levou o negócio para um rumo diferente e que eles foram “aceitando o que as pessoas queriam e aprimorando para fazer acontecer”.

A família começou a investir no turismo em 2019, inicialmente com a construção de uma estrutura para camping e eventos. Com a pandemia de Covid-19, os planos mais ousados foram adiados. A primeira unidade de hospedagem só foi construída em 2023. Atualmente, além da estrutura de camping, com um galpão que reúne banheiro, chuveiros, área de jogos, cozinha e churrasqueira, contam com duas cabanas e dois chalés. Segundo Elen, há demanda para mais unidades.

A natureza é o principal ativo turístico, com muito verde, cachoeiras e trilhas. O empreendimento está às margens do Rio dos

Mengue, e a propriedade passou a ser associada informalmente ao chamado “Jalapão Gaúcho”. O apelido surgiu depois que uma blogueira visitou o local e comparou a paisagem ao Jalapão. O termo acabou sendo adotado pelo público e ajudou a ampliar a visibilidade do espaço. “Vemos o brilho nos olhos das pessoas vindo de fora”, comenta a garota de 24 anos, que estuda Nutrição, na vizinha Torres. O irmão, de 36 anos, se formou em Administração, em Criciúma (SC), e também voltou para Morrinhos para ajudar a tocar os negócios da família. Elen destaca que a decisão de permanecer na cidade está relacionada ao estilo de vida do Interior, mais tranquilo.

A propriedade pertence à família há gerações: bisavós, avós e pais são do município e sempre trabalharam como agricultores, inicialmente sobretudo com agricultura de subsistência. Há mais de 30 anos, os pais de Elen – Agostinho Mengue Carlos e Eliana da Rosa Carlos – migraram para a produção orgânica, tornando-se pioneiros na construção da Feira de Agricultores Ecologistas (FAE), junto à Redenção, em Porto Alegre. A FAE foi a primeira feira de produtos agroecológicos do Brasil. Atualmente, comercializam produtos em mais dois locais na Capital: Menino Deus e Petrópolis.

O foco maior em pitaya teve início há aproximadamente 13 anos. “Meus pais plantavam muitas hortaliças. Era questão de 50 caixas

de alface toda semana. Eles vendiam nas feiras de Porto Alegre. Então era bastante quantidade”, comenta. A pitaya passou a representar uma alternativa de cultivo com melhor valor de comercialização. Foi justamente o dinheiro excedente gerado pela produção da fruta que permitiu à família começar a investir em turismo, uma atividade “não tão cansativa quanto trabalhar na roça”. A ideia partiu da mãe. “Às vezes, a gente não consegue enxergar o potencial naquilo. Mas a minha mãe falou: vamos fazer que vai dar certo”, destaca Elen, admirada do perfil empreendedor de Eliana.

A família cultiva atualmente 1 hectare de pitaya, 6 hectares de banana, 1 hectare de tubérculos (açafrão, gengibre e aipim) e um pequeno pomar com lichia e limões. A produção agrícola também funciona como experiência: os visitantes podem conhecer um pouco do cultivo e da rotina da propriedade. A integração entre as duas atividades é um dos diferenciais do empreendimento.

A pitaya pode ser consumida pelos hóspedes em produtos como suco e bolo de pitaya. Assim, a agricultura deixa de ser apenas uma atividade produtiva e passa a compor o próprio produto turístico. O verão é o período de maior movimento, com crescimento gradual a partir de novembro e se estendendo até março, abril. Cerca de 90% dos hóspedes são do Rio Grande do Sul.

Única agroindústria da cidade inaugurou em julho do ano passado

Quando o casal de produtores agroecológicos Mauri e Regina Martins reuniu suas economias para agregar valor à sua colheita – em especial, bananas e goiabas –, promoveram um marco histórico para Morrinhos do Sul. É da família a primeira e única agroindústria do município, inaugurada em julho do ano passado.

A iniciativa une conhecimento, sustentabilidade, organização familiar e apoio cooperativo, ajudando os Martins a abrir novos mercados e consolidar sua participação em feiras (que chega a oito por ano), incluindo a Expointer, por duas vezes consecutivas.

Tocada por até cinco pessoas, a MR Doces – Agroindústria de Doces Orgânicos renova os negócios da família que atua no sistema agroecológico há mais de 30

anos, por meio da Associação dos Colonos Ecologistas da Região de Torres (Acert), o primeiro grupo de produção do tipo da região, fundado em 1991.

Mauri e Regina cultivam quase toda a matéria-prima da MR Doces (exceto uva, comprada de fornecedor orgânico certificado), na qual estão 300 quilos de abóbora (safra), 4 mil kg/mês de banana (parte destinada à merenda escolar), 12 mil quilos de goiaba (safra), com ensacamento manual.

“Eu ensaco de 40 a 50 mil goiabas todo ano, para evitar o bicho. De novembro a fevereiro, eu costumo dizer que eu moro embaixo do pé de goiaba. Porque eu só saio para almoçar e para dormir”, comenta Regina.

A pequena planta beneficia-dora e cozinha industrial (antigo

galpão reformado) garante cerca de 200-250 vidros de geleia por dia, produzidos 3 dias por semana. Carro-chefe: geleia de banana com açaí (lançamento do ano), além de goiaba com morango, goiaba com maracujá, goiaba com pitaya, ketchup de goiaba e banana-passa.

A agroindústria que reduz as perdas de produção que não tinham destino como in natura foi viabilizada com capital próprio e crédito rural, por meio do Scred Caminho das Águas/Três Cachoeiras, cooperativa da qual a família é associada há nove anos, antes mesmo de o banco cooperativo inaugurar, em 2023, agência na cidade. O investimento total foi de cerca de R\$ 170 mil, financiando R\$ 106 mil com parcelamento de cinco anos. A família fez cursos

de boas práticas e processamento de frutas na Fazenda Souza, de Caxias do Sul, com Edson Bonato.

Contou ainda com assistência técnica da Emater/RS, no processo de regularização junto à Vigilância Sanitária e à Secretaria de Desenvolvimento Rural, dentro do Programa Estadual de Agroindústria Familiar (PEAF). O projeto da agroindústria começou a tomar forma em janeiro de 2022.

De acordo com o técnico da Emater, Ademir João Santin, o produtor pode ganhar de 50% a 70% a mais com o produto industrializado. Ele avalia que, de modo geral no município, a agroindustrialização ainda está em desenvolvimento. Os obstáculos citados são: custo elevado de implantação para o contexto das famílias, descapitalização dos produtores,

necessidade de qualificação, de legalização e existência de mercado. Ao mesmo tempo, observa que políticas públicas e feiras vêm ajudando a ampliar o setor. Há interesse inicial em outras possibilidades, inclusive pupunha e palmito, mas o movimento ainda é lento.

Para a família Martins, atualmente, um dos maiores gargalos é a falta de câmara de congelamento (um investimento de aproximadamente R\$ 150 mil que a família ainda não pôde fazer) para a safra concentrada de goiaba – perderam 3 mil quilos no último ano por essa limitação. Buscam expandir mercados: já enviaram amostras para Curitiba, Florianópolis e outros pontos, além de atenderem merenda escolar em municípios vizinhos e uma possível entrega em Capão da Canoa.